



PONT Y PRIDD SOBRE O TAFF.

PONT Y PRYDD na linguagem celtica significa «ponte formosa»; e assim é denominada a que está lançada sobre o Taff, districto de Glamorgan, no paiz de Galles. — Não é porem ella celebre sómente pela belleza da localidade e da construcção, como pelas circumstancias peculiares do architecto que a edificou. — Guilherme Eduardo nasceu naquellas visinhanças no anno de 1719: foi filho de um caseiro, e com seus irmãos mais velhos trabalhava no amanho da granja: a Providencia o dotou de penetrante comprehensão, vigor d'alma, e vontade perseverante, como logo veremos. Todo o ensino que alcançou limitou-se a ler e escrever a lingua patria, a gaelica, e aos rudimentos de contabilidade, que lhe ensinou um visinho: contava apenas 18 annos quando se applicou a fazer muros de pedra solta, que são geralmente as cercas das fazendas no principado de Galles; tal foi o primeiro ensaio para o officio de pedreiro, em que não teve mestre, vindo a sê-lo depois e habilissimo como suas obras mostram: observando com inteira attenção o trabalho de uns officiaes que foram chamados a exercitar seu mister naquella comarca aprendeu a servir-se de melhor ferramenta e a construir de pedra e cal, e tomando pequenas empreitadas aos seus parochianos adestrou-se singularmente no officio que por inclinação escolhêra, e quasi por instincto aprendêra. Durante pequena estada em Cardiff, capital da sua provincia, estudou a lingua ingleza: com tão simples noções, como as que declarámos se creou o architecto da ponte do Taff [sua primeira tentativa em grande escala] e depois d'outras muitas pontes.

O Taff, que cursando ao sul vai desaguar no Severn, é sujeito a grossas e frequentes cheias, e na paragem escolhida para a ponte, para juntar as estradas das margens oppostas, é bastante largo: duas

difficuldades estas que obstavam á construcção, mas que não assombraram Eduardo, como o não fizeram descoroçar dois desastres consecutivos. De tres arcos levantou a primeira fabrica, mas esbarrando nelles os troncos, pedras e cisalhos, carreados por enorme alluvião, represaram-se as aguas, que crescendo em volume e violencia levaram a ponte. Teve d'erigir outra, conforme seu contracto, e para evitar o que aconteceu á primeira dispôz que fosse de um só arco: só faltavam para completar a obra as guardas ou parapeitos, quando os botarêus deram de si com o crescido peso da alvenaria e calçada, e tudo veio ao meio do rio. Não desanimou o emprehendedor, e reconhecendo a origem do mal construiu a que ora permanece, como se vê na gravura, e que foi concluida em 1755: notam-se nesta uns buracos, ou oculos cylindricos, tres por cada lado do fecho do arco, que ascendem com varios diametros e segundo a respectiva curvatura do arco: usou desta engenhosa traça para diminuir o peso, e com effeito alcançou a estabilidade, devendo advertir-se que a abertura ou largura do arco excede muito á da celebrada ponte do Rialto em Veneza; por quanto é de 140 pés, medidos de pegão a pegão.

Este homem, de natural talento e extraordinaria perseverança, morreu em 1789, estimado dos seus conterraneos. Construiu elle outras obras de igual natureza, e o condado de Glamorganshire, sua patria, carecia com effeito de taes construcções e outras, como estradas, &c. que facilitam a communição, porquanto é o districto, no sul de Galles, onde mais se exploram minas de carvão de pedra e de ferro, em que consiste toda a sua industria: e na verdade depois de Guilherme Eduardoahi se tem feito importantes obras deste genero.

O BOBO.

1128.

XIII.

A boa corda de cânave de quatro ramaes.

A SITUAÇÃO de D. Thereza, quando o Trovador entrou em Guimarães, era na verdade terrível. A colera que nessa noite trasbordára do coração do conde, e a séde implacavel de sangue e de vingança que o devorava fizeram conhecer claramente á rainha que para Affonso Henriquez não havia esperar d'elle nem paz nem perdão. Esta certeza avivára, emfim, na sua alma os sentimentos de mãe, sentimentos que já não podiam ser para D. Thereza senão uma nova causa de desventura. Tinha jurado perante os cavalleiros do conde sahir com elles á lide, e quando ousou fallar de reconciliação, o senhor de Trava com palavras de respeito hypocrita e de verdadeiro escarneo lhe recordou a promessa que tão recentemente havia feito. Subjugado pelo predomínio infernal, que nelle alcançára Fernão Perez, aquelle pobre coração de mulher, que cria sentir em si os brios de um coração d'homem, sabia apenas despedaçar-se n'uma contínua alternativa de affectos. Temendo que as suas palavras revelassem ao mensageiro do infante a fraqueza materna, o filho de Pedro Froylaz lhe prohibira o escuta-lo, reservando para si o regeitar todas as proposições que não fossem as de completa obediencia. Quando, porém, soube quem era o cavalleiro que trazia a mensagem, o conde não pôde deixar de sorrir da audacia insensata do mancebo. Apesar do silencio que o generoso Garcia Bermudez guardára ácerca dos amores de Dulce, o conde concebêra vehementes suspeitas da existencia destes. A vinda d'Egas a Guimarães disfarçado podia ter bem diverso motivo: mas a indifferença da filha de D. Gomez Nunez para com a paixão do alferes-mór, de um homem que aliás ella parecia presar; a missão inutil que este dera a Tructezindo, e que o fallador e inquieto pagem não tardára a relatar ao seu poderoso parente e senhor; o empallidecer de Garcia Bermudez apenas ouvira proferir o nome de Egas Moniz; tudo isto foi para elle um raio de luz. Resolveu perscrutar o effeito que a presença do cavalleiro produziria no alferes-mór. Era o modo de verificar as suas suspeitas; e por isso lhe ordenou o acompanhasse com outros filhos-d'algo á sala do conselho, onde devia receber a mensagem do infante.

Tal é o caracter das almas vingativas, que se nas mais graves situações da vida se lhes offerece o ensejo de uma vingança mesquinha, seguem este ensejo com o mesmo ardor que empregam naquillo a que estão ligados os seus mais importantes interesses. A idéa de atormentar Egas — o pupillo querido do odioso senhor de Cresconhe — e de achar talvez na revelação do amor do mancebo pretexto para fallar á fé que devia a um mensageiro indefenso, por isso mesmo que era uma idéa vil e maligna, se lhe tornava n'uma especie de deleite e remanso no meio da tempestade que lhe agitava o animo.

Entrando na sala, onde o conde, empé e rodeado dos mais illustres barões, o esperava, o Trovador se dirigiu para elle com passo seguro e gesto altivo. Parou, fazendo uma leve inclinação de cabeça: depois, mirando em roda, os seus olhos se encontraram com os do alferes-mór, cujo cargo o

logar que occupava junto ao conde sufficientemente indicava: tanto os de um como os do outro pareceram lampear: abaixaram-nos ao mesmo tempo. O rosto de Garcia Bermudez empallideceu: ao de Egas subiu a vermelhidão da colera. — «O odio de Garcia Bermudez é mais profundo — pensou Fernão Perez que os observára. — E com razão, elle é o despresado.» As suas suspeitas realisavam-se.

Immovel, callado, e alçando de novo os olhos para os fitar no conde de Trava, Egas Moniz esperava que este o mandasse fallar.

«Doe-me, senhor cavalleiro — disse o conde — que os paços de Guimarães vos não possam receber como hospede e amigo. Má demanda vos traz aqui por mensageiro de rebeldes, se não é que em nome delles vindes implorar a piedade da mui excellente rainha de Portugal, que me ordenou recebesse vossa mensagem.»

«Ao que vim dir-vo-lo-hei, senhor Fernão Perez de Trava — respondeu Egas. — Pelo antigo foro dos nobres-homens d' Hespanha, e pelo foro dos francos: como filho de um barão leonez, e como filho de um barão de Borgonha, — por uso e lei d'aquem e d'alem serras, toca a herança da honra de Portugal ao mui illustre infante D. Affonso. Não venho em nome de rebeldes. Ricos-homens e infanções, burguezes e villões desta boa terra m'enviam dizer á mui excellente rainha, e a vós, senhor de Trastamara, conde de Trava, prestameiro do castello de Pharo, nobre-homem de Galliza, que d'ora avante, o filho do conde Henrique é o senhor de Portugal. — D. Affonso offerece a sua mãe os direitos, villas e caracteres do infantatico, e a vós livre passagem para o solar e honras de vossos antepassados. Doe-me tambem, senhor conde — acrescentou o cavalleiro — de ser eu quem vos houvesse de trazer tão desagradavel mensagem.»

«Acabastes? — interrompeu Fernão Perez com voz presa e um leve tremor de labios.

«Ainda não: — proseguiu Egas Moniz. — Devo tambem declarar-vos que se recusaes a paz, amanhaã diante deste castello, ou sobre os seus proprios muros, se pelejará brava lide, lide que durará até que o juizo de Deus resolva de que lado está a justiça, de que lado a iniquidade.»

«Mais nada? — perguntou de novo o conde, com um sorriso indizível d'escarneo.

«Só uma cousa, senhor conde de Trava: — respondeu o cavalleiro com alguma perturbação. — A vós e á rainha era dirigida esta mensagem. Vós tendela ouvido: resta que ella a ouça. Serme-ha permittido fallar-lhe?»

«Antes disso, cavalleiro: — replicou o conde em cujo rosto transparecia a lucta que tinha comsigo mesmo para conter o furor que lhe scintillava nos olhos: — antes disso cumpre advertir-vos uma cousa. Conheço-vos: de sobejo vos conheço eu! — Mas não basta vosso simples testemunho e vosso ar altivo para vos crermos mensageiro do mancebo Affonso Henriquez, que se intitula senhor e infante de Portugal; mensageiro dos ricos-homens, infanções e concelhos que dizeis vos enviaram. Quem pôde affirmar que um homem é o que parece? Muitas vezes motivo occulto obriga o cavalleiro a vestir as bragas d'almafega e o zorame de burel do peão; muitas vezes o villão ousa trajar o saio escudado de cavalleiro, e pôr sobre a cabeça o capello de ouropel. Para responder ao que dissestes, por mercê mostrai-me a vossa carta de crença.»

Estas palavras do conde foram vibradas com um

sorrir tão desusado, que o trovador precisou de toda a energia de que naturalmente era dotado para disfarçar a impressão que na sua alma ellas haviam produzido. Eram demasiado claras para não as entender. Teria sido atraído por Abul-Hassan? — Tremeu ao pensar em Dulce. Sem replicar tirou do peitilho do saio um pequeno pergaminho dobrado, e apresentou-o ao conde, o qual o passou ás mãos do reverendo Eicha Martim, que exercitava então o officio de chanceller.

«Em termos, e sem duvida: — murmurou o digno conego examinando a escriptura. — Nada falta: signaes, notario, e testemunhas.»

«De quem são os signaes? — perguntou Fernão Perez sem tirar os olhos do cavalleiro cada vez mais perturbado.»

«De D. Affonso, — respondeu Eicha Martim. — É o seu rodado e a cruz, tudo ao que parece feito por quem pintou a carta, que diz ser e me parece escripta da mão de Pedro o chanceller do infante»

Infante?! — interrompeu em voz baixa o conde batendo com força no punho da espada.

«Item — proseguiu o conego — de D. Paio, que louva e confirma»

«Do arcebispo de Braga? Vinga-se da prisão em que o teve a rainha. Como sempre, revoltoso e intrigante. Continuai.»

«E de Fernão Captivo, alferes-mór de Portugal, diz a segunda regra dos que confirmam do lado direito.»

«Mente! — retorquiu o conde em tom já mais alto e colerico. — O alferes-mór de Portugal está a meu lado; e não é um miseravel traidor. Lêde.»

«E de Egas Moniz de Cresconhe — mordomo da curia.»

«Da curia dos sandeus e vis! — atalhou o conde, cujo furor continuava a augmentar. — Velho infame, movedor principal da revolta!»

«E de Gonçalo Mendez, rico-homem»

«Que!? — bradou Fernão Perez arrancando o pergaminho das mãos de Eicha Martim e olhando espantado para aquelles caracteres, que a sua ignorancia de nobre lhe não consentia entender. — Elle no campo de D. Affonso!? Elle tambem mandou escrever seu nome nesta carta de crença?! Não é preciso lêr mais. Mensageiro, que vieste affrontar-me, sabe já de Guimarães, porque te juro que não fallarás á rainha; que não fallarás aos traidores que talvez buscavas; porque traidores andam no meio de nós! Vai dizer aos villões que te mandaram, e aos cavalleiros mais villões do que elles, que eu conde de Portugal e Coimbra os desprezo; que se ousarem approximar-se de Guimarães os mandarei desarmar pelos meus cavalleiros, e arrancar-lhes os olhos pelos meus cavalleriços e servos. Entendes? É isto o que lhe deveis dizer, e dá graças a Deus, de não começar por ti o castigo de desleaes.»

Durante a leitura do reverendo conego de Lamego a perturbação de Egas se havia asserenado com as observações violentas do filho de Pedro Froylaz, que pouco a pouco a tinham convertido em indignação. Esta subira de ponto com as suas derradeiras palavras: o cavalleiro conteve-se todavia.

«Senhor conde de Trava, não creio digno de um nobre-homem d'Hespanha gastar affrontas inuteis contra os que não podem responder-vos. Pedistes-me as provas do que affirmava. Dei-vos-las. O recusar admittir-me á presença da rainha podeis faze-lo; mas faltareis á lealdade que deveis a vossa senhora.»

«E quem te deu direito, miseravel, de me ensinar meus deveres? — bradou o conde furioso. — Quem te assegura, vil toupeira, que minas no silencio da noite o chão que pisámos, porque não ousas mostrar á luz do dia a fronte covarde, que sabirás a salvo de Guimarães sem que te faça arrancar a lingua insolente? — Tu que ousas fallar de lealdade, a que vieste hontem a este castello como um salteador nocturno? Mas hontem como hoje os teus passos foram perdidos! A minha resposta aos conselhos que me dás é esta: servirá ao mesmo tempo de resposta aos que te enviaram.»

Ao ouvir as ultimas phrases, o trovador sentiu fustigarem-lhe as faces os fragmentos do pergaminho, que o conde despedaçara entre as mãos.

O lume fugiu dos olhos a Egas. Era uma affronta monstruosa a que recebera. Recuou: os dentes rangiam-lhe como em accesso febril.

«Infame e covarde és tu, villão de Galliza! gritou elle. — Infame porque vendeste o teu corpo como uma mulher perdida: covarde porque só sabes injuriar no meio destes lebreus esfaimados que te cercam. Salteador és tu que roubas a nobre terra de Portugal a seu verdadeiro senhor. Assassino, levanta esse guante se ousas!»

E atirou a luva aos pés de Fernão Perez.

«Alevantarei eu o teu guante, cavalleiro Egas Moniz! — exclamou Garcia Bermudez adiantando-se. — A lança e a espada do nobre conde de Portugal e Coimbra não devem cruzar-se com as tuas. Senhor conde, uma estacada, e nomeai os juizes do campo.»

A raiva suffocava e tolhia a falla ao conde de Trava, cujos olhos banhados de fel pareciam não lhe caberem nas orbitas: estendeu apenas a mão tremula e contrahida fazendo signal que recusava. O seu terrivel silencio durou por alguns instantes. Quem se atreveria a quebra-lo?

Finalmente aquella especie d'espasmo terminou por uma risada medonha. Uma escuma ensanguentada borboalhava-lhe dos cantos da boca, e pendurava-se-lhe em globulos cór de rosa na barba negra e revólta.

«Uma estacada, alferes-mór? — rugiu elle empurrando para traz com violencia Garcia Bermudez. — Estacada e juizes? Uma das ameias da torre alvarraã serão a estacada: o algoz, o reptador e o juiz. O cepo e o cutello são para ricos-homens: este sandeu, enforcuem-no como um cão ismaelita? Homens d'armas, lançai-mo na prisão do alcaide no fundo da carcova!»

Egas olhára em roda: estava só: os seis almo-gaures haviam sido retidos no pateo exterior. Ainda tentou defender-se; mas opprimido pelo numero, e desarmado em breve, arrastaram-no para fóra da sala. A imagem de Dulce lhe appareceu então serena e pura: um gemido de desesperação lhe fugiu do peito. Este gemido de desalento era o derradeiro adeus que lhe inviava. Entre elle e a sua amante a morte e a ignominia se tinham naquelle momento assentado.

O alferes-mór seguiu com os olhos o trovador. Tinha ficado immovel em quanto durou aquella lucha deshonrosa para Fernão Perez e para os seus cavalleiros. No gesto do generoso Garcia pintavam-se ao mesmo tempo a vergonha, o odio, e a piedade. Elle quizera vingança; mas repugnava ao seu coração uma vingança atroz e covarde.

Apenas Egas sahiu entre os homens d'armas o conde voltou-se successivamente para Eicha Mar-

tim, para o villico do castello, e para os cavalleiros que o rodeavam: —

«Senhor capellão-mór, tende prompto um monge de S. Salvador para esta noite confessar um homem que antes do romper d'alva deve ter legado seu cadaver ás aves do céu. Senhor villico, tende promptas tres braças de boa corda de cânave de quatro ramaes. Que seja saã e forte: não defraudeis por mesquinha essa parte da herança que hoje receberá o algoz do castello. Bem sabeis que por costume lhe pertencem a corda da justiça e as roupas do justicado! — Senhores cavalleiros, breve nos veremos: agora se vos praz podeis retirar-vos.»

Logo que se achou sosinho o conde atirou-se a uma cadeira d'espaldas, apertando a fronte entre as mãos: as arterias pulsavam-lhe com violencia, e o coração agitado por paixões más, e por temores bem fundados, batia-lhe apressado. Havia na serie dos successos daquelle dia e do antecedente algumas circumstancias inintelligiveis, algumas lacunas tenebrosas que não podia aclarar. Como escapára o Lidador com os seus vinte acostados e com Fr. Hilarião? — Alguem favorecera esta fuga. Mas quem? Vinham-lhe á idéa os desejos que D. Thereza mostrára de reconciliação, e as diligencias que fizera Garcia Bermudez para salvar os cavalleiros presos nessa noite, os quaes elle no seu furor quizera metter a cutello. Chegou a desconfiar da rainha e do alferes-mór: e estas desconfianças eram um tormento infernal. Trahido por elles, quem lhe restava? Se ao menos podesse dizer-lho, pedir-lhes provas da sua lealdade! — Era uma idéa insensata. Refugiou della com horror. A propria imaginação se lhe convertêra em verdugo implacavel, e a alma dura e orgulhosa do filho de Pedro Froylaz debatia-se no meio dos seus receios, como se em longo pesadello visse surgir ao redor de si todos aquelles a quem o prendiam mais estreitos laços, convertidos por feitiçaria diabolica em disfarçados mas implacaveis inimigos. Estas duvidas terriveis se modificavam, porem, com a lembrança das probabilidades que tinha de triumphar do infante. Depois da victoria elle obteria facilmente do imperador Affonso de Leão os condados de Portugal e Coimbra como feudos reaes, e então arrancando a mascara de um amor que expirára, usaria como senhor do poder que muitas vezes se via constringido a deixar vacillante nas fracas mãos da infanta-rainha.

No meio de semelhantes reflexões o conde não se esquecera do mensageiro captivo. No seu odio contra a familia de Riba-de-Douro, odio que naquelle momento parecia acumular-se todo sobre a cabeça do desgraçado mancebo, não lhe bastava assassinalo: era preciso ajuntar á morte a ignominia; por isso o condemnava ao supplicio dos peões e servos. O cadaver d'Egas, pendurado dos muros do castello, seria uma prova terrivel de que entre o infante e a rainha estava o senhor de Trava; e que a significação deste nome era a de uma guerra d'exterminio.

Na serie dos pensamentos que em turbilhões passavam pelo espirito de Fernão Perez, surgiu um tenebroso e maldito que fez sorrir o perverso. Era um oasis em que a sua alma, correndo despeada por deserto ardente de temores, incertezas, e agonias, se reclinava para repousar voluptuariamente. O momento de entregar Dulce nos braços de Garcia Bermudez tinha finalmente chegado.

Quando Egas entrou na sala do conselho, onde já o alferes-mór se achava, o conde se confirmára até

certo ponto nas suas suspeitas: — lera no gesto de um e d'outro que eram de feito rivaes. A idéa de prender a si o esforçado aragonéz, fazendo-lhe obter a mão de Dulce, já não era a principal motivo que obrigava Fernão Perez a occupar-se de alheios amores no meio dos serios cuidados que o cercavam. Havia nisso mais graves rasões. Cumpria-lhe vencer a resistencia de uma herdeira illustre, e fazer callar a repugnancia da rainha diante da sua forte vontade. Naquelle epocha um dos privilegios mais importantes, introduzido na Hespanha pela influencia feudal dos costumes francos, tendentes a augmentar o poderio dos principes e barões, era o direito d'escolher marido para as orphaãs nobres, filhas de feudatarios dos seus estados ou senhorios. Este direito, conhecido na França pelo nome de maritaggio, estabelecido depois entre nós debaixo da denominação de cartas de casamento, vigorou, estendendo-se ás mesmas orphaãs plebeas, pelo menos até o seculo 13.º, postoque fortemente combatido pelas córtes ou parlamentos. Fernão Perez considerava-se já como senhor dos condados de Portugal e Coimbra, e por isso devia impedir aquelle exemplo de resistencia contra um dos direitos de maior valia nos novos costumes feudaes, ao passo que lhe importava obrigar a rainha a ceder do proprio alvedrio n'um dos affectos mais profundos do seu coração — o amor que tinha a Dulce, a sua filha adoptiva.

A estas considerações se ajuntava um prazer mesquinamente ferino; e por isso no rosto do conde deslisára sorriso atroz. Se Egas amava Dulce, elle podia acrescentar-lhe na morte mais um martyrio: se Dulce amava o mancebo, ella propria seria o instrumento desse martyrio, crendo salvar o seu amante. Era um designio barbaro o que o senhor de Trava formára; mas por isso mesmo deleitoso para aquella alma repassada de maldade e de fel.

Havendo saboreado por algum tempo a requintada vingança que traçára contra o nobre cavalleiro, que, provocado por uma acção brutal, tão duramente o affrontára, o conde de Trava passeou durante algum tempo de um para outro lado procurando recobrar apparente tranquillidade. Depois encaminhando-se para uma porta exterior chamou o seu pagem valido, que poucas vezes se afastava d'elle. Tructezindo appareceu.

«Dirige-te aos aposentos da rainha, meu gentil sobrinho: — disse elle ao pagem, pondo-lhe a mão familiarmente sobre a cabeça. — Preciso de fallar com Dulce, e importa que seja breve: mas é necessario que não o saiba D. Thereza.»

Tructezindo pegou no braço do tio, e levando-o para uma janella, sem dizer palavra, apontou para o jardim pensil que d'alli se descubria em grande parte. Dulce, assentada á sombra de um teixo, tinha na mão uma saudade, para a qual olhava sem pestanejar, absorvida em profunda meditação.

«Bulcão! — proseguiu o conde rindo — Dizes que é melhor aquelle logar? — Não é assim? — Para ti, gentil pagem, talvez! — Não para mim que já não trato de amores, como tu que matas as lindas donzellas com mil trovas de queixumes. Mas repara que para ser cavalleiro importa mais o jogar pontas e tavolado e encalvagar um ginete que o aprender os cantares dos jograes e dos trovadores.»

«Oh não, meu tio e senhor! — replicou o travesso rapaz. — Pelos ossos de São Cucufate, que com tão finas artes o santo arcebispo Gelmirez furtou de

Braga para levar a Compostella, vos juro que não pensava d'amores. Mas como querieis que eu pudesse fallar a Dulce nos aposentos da rainha, sem que ella me enxergasse?.. Aquella porta que vedes acolá—acrescentou maliciosamente—segue-se um corredor escuro, que vai da sala d'armas ao jardim. Se eu soubesse quem possuia a chave iria por allí chamar Dulce.»

«Villanete!—continuou o conde no mesmo tom de gracejo.—Essa chave não sabe deste cinto senão para esta mão. Querias que a fiasse de ti? Por Santiago, que não, meu gentil pagem!—Atravessa os pateos do castello; acharás provavelmente aberta a porta do jardineiro Abul-Hassan... Mas não;—proseguiu depois de pensar alguns momentos.—Melhor é que eu vá. Tu entretanto vê se encontras Garcia Bermudez, e dize-lhe que me espere nesta sala. Depois vai-te a folgar. Prestes, meu guapo donzel!»

Dizendo isto, o conde affastou brandamente Tructezindo, e encaminhou-se para a porta que o pagem lhe indicára. Tructezindo fez-lhe uma visagem, de modo que elle o não visse, e em dois pulos sahio do aposento, dando um silvo agudo que restrugiu pelas abobadas, e que se confundiu com o som da porta, que Fernão Perez, entrando no corredor escuro, cerrára apoz si.

O senhor de Trava entrou no jardim: Dulce conservava-se ainda no mesmo lugar e na mesma postura. Fernão Perez achava-se já ao pé della havia alguns instantes, quando esta alevantando os olhos encontrou os do conde, que em silencio a contemplava com ar risonho. A pobre donzella estremeceu: a saudade que tinha na mão cabiu-lhe em terra. Mal pensava a desgraçada que assim devia em breve cabir para sempre a sua ultima esperanza de felicidade!

Dulce ergueu-se e ia partir; mas o conde a reteve, e fazendo-a de novo assentar, disse-lhe com brandura:

«Foges de mim, donzella?—A fé que não t'ó mereço eu. Vinha buscar-te para me queixar de me teres escondido um segredo, cuja revelação te houvera poupado amarguras, e a mim um procedimento involuntariamente cruel. Quiz ainda ha pouco constranger-te a dares a mão d'esposa ao nobre Garcia Bermudez, porque ignorava que amavas um cavalleiro, que foi meu inimigo, mas que já o não é. Cria que o teu recusar nascia de um capricho infantil; não de um amor ardente. Agora sei tudo. Egas Moniz, o nobre trovador, que ha tres annos deixou a terra em que tu respiravas para ir colher louros santos junto ao sepulchro de Christo, voltou a Portugal, e hoje entrou nestes paços como mensageiro do illustre infante D. Affonso. Vinha trazer palavras de amor e de paz, e a paz e o amor renasceram entre a rainha e seu filho. Guerra, odios, tudo acabou. Muitos me accusam de orgulhoso e inexoravel; Egas, porem, não os creu. Declarou-me o seu amor, e D. Thereza por meus rogos lhe concede a sua Dulce, e o solar dos Bravaes. Disseste-me que não tinhas de mim préstamos: dou-te o que vale mais. Vamos, donzella, agora o rancor fóra injusto. Deixa-me beijar-te a mão: é um roubo que faço ao nobre Egas, mas elle me perdoará. O cavalleiro neste momento está com a rainha, e eu vou couduzir-te aos seus braços.»

De feito, o conde beijava affectuosamente a mão de Dulce. O seu gesto era tão sereno e alegre; e as suas palavras pareciam vir tanto da alma; falla-

va com tanta certeza do amor de Egas, que a desgraçada cahiu no laço infame que Fernão Perez armára. Successivamente ella empallidecera e corára, e as lagrymas que lhe rebentavam dos olhos misturavam-se com o sorrir dos labios: o seu coração abria-se á felicidade depois de tanto padecer devorado em silencio, como a flôr açoutada por noite de ventania desabrocha ao asserenar da manhã com os primeiros raios do sol.

«Oh que essas palavras são suaves; são para mim o céu:—exclamou Dulce.—Sou eu que devo lançar-me a vossos pés, senhor conde, beijando a terra que pisaes, e sois vós que deveis perdoar-me, porque vos detestei e amaldiçoei quando querieis unir-me a Garcia Bermudez, a esse nobre cavalleiro que eu amaria com todo o amor que elle merece, se o meu coração fosse livre. Era fazer a minha ventura que vós pertendieis, e eu insensata maldizia e odiava o meu anjo da guarda, o meu segundo pae! Punir-me-hei, fazendo a confissão que mais custa ao pudor:—amo Egas; elle tinha de mim o juramento de antes morrer que trahi-lo. Ha um momento eu tremia, porque soubera parte do que me dizeis—soubera que elle estava em Guimarães como mensageiro do infante. Era uma angustia intoleravel a minha: vós me arrancaes de um abysmo.»

«Mas tu, minha Dulce,—continuou o conde no mesmo tom—não dizes tudo. Hontem á noite certo cavalleiro entrou disfarçado em Guimarães...»

«Tendes rasão, senhor conde—interrompeu a desgraçada.—Aqui neste horto elle veio jurar-me de novo o que me jurára tres annos antes, que amava a sua Dulce com o mesmo amor ardente e illimitado. Perdoar-me-ha minha mãe adoptiva?...»

«E porque não?—atalhou Fernão Perez—Não sabe ella o que é o amor de uma donzella louquiinha?—Aquelles que favoreceram a arriscada tentativa de Egas é que eu não sei se ella perdoará; porque foi falta de lealdade.»

«Deitar-me-hei aos pés da minha boa rainha—acudiu Dulce—para que perdoe ao pobre Abul-Hassan...»

«É verdade... a Abul-Hassan—interrompeu de novo o conde com alguma hesitação como quem começa a achar o fio de um labyrintho intrincado.—A esse ainda será facil... Fallou-me nelle o bom Egas... Mas cavalleiros que devem preito e menagem a D. Thereza!... Gonçalo Mendez que o seguiu ao arraial de meu senhor o infante... Emfim tu sabes o resto: bem vês que em taes casos, apesar de uma reconciliação completa...»

* Não sei mais nada. Desde que Egas partiu ignoro tudo... juro-vos que o ignoro. Mas que importa?—A rainha...»

«Demonio!—bradou o conde mudando repentinamente de tom e de gesto—Que não possa achar a urdidura desta negra tã! Não sabes mais nada, mulher?—Pois eu sei de ti o que desejava! Miseravel, que apenas os olhos da aguia se cravaram nos teus, sem rubor lhe patenteaste a tua infamia!—Insensata! Creste que eu podia ter paz com rebeldes, e ouvir pacientemente as amorosas endeixas d'um jogral da vil e detestavel raça dos Gastos de Riba-de-Douro? Em tudo o que te disse ha uma verdade só. Egas está em Guimarães: está em meu poder, e eu já lhe preparei o seu leito de noivado.—Uma bem segura ameia da torre alvaran, e uma boa corda de cânave de quatro ramaes. Linda e innocente donzella, amanhã ao romper da alva podes ver o teu gentil trovador: olha para lá

d'aquí mesmo; ahí o has-de divisar dançando ao sopra rijo do vento. Quem canta deve saber bailar.»

As primeiras palavras do conde Dulce cahíra fulminada. Mas as derradeiras a revocaram á vida com a imagem de uma terribilissima realidade, como o réu, desfallecido no primeiro trato, se reanima crescendo a intensidade dos tormentos. De joelhos, com as mãos erguidas, os dentes batiam-lhe com força, e não podia dizer nada. Mas o terror da sua alma melhor o exprimia o gesto, que outra qualquer expressão.

«É a vida do teu querido jogral que me pedes! Não é assim? Pedes ao leão esfaimado do deserto que não devore a zebra que tem nas garras! Afrontou-me, e eu pago a affronta: reptou-me, e eu acceitei o repto. Morrerá morte infame de peão criminoso!...» E depois de uma breve pausa, em que Dulce o abraçava pelos joelhos, proseguiu: — «Nobre neta dos Bravaes, não deshonres o sangue de teus avós, arrastando-te aos pés do desprezível estrangeiro! Por quem sois: — nobre dama, alevantai-vos.»

«Não peço piedade para elle — murmurou Dulce. — Bem sei que fóra inutil espera-la. Peço a morte para mim antes d'elle morrer.»

«De que me serviria a tua morte? — replicou o conde depois de cravar alguns momentos os olhos naquella fronte pallida, onde se pintavam todos os extremos do intimo padecer. — Quero que vivas para chorares o galante jogral, e para com as tuas lagrymas servires de pranteadeira á mui illustre rainha, á tua mãe adoptiva, que, espero em meus bons cavalleiros, ha-de amanhã ficar orphaã de seu filho.»

«Oh, senhor, lembrae-vos de que ha um céu, e que no céu ha justiça! Que mal vos fiz eu! — Matae-me, Matae-me!»

«Sei que ha céu, e que ha justiça; por isso a faço na terra. Sei mais: sei que o céu é clemente: quero sê-lo também. Egas ainda talvez póde evitar seu fado: o leão ainda póde largar a presa.»

Um vislumbre d'esperança surgiu e desapareceu no rosto demudado de Dulce.

«Meu Deus! — disse ella, e depois deixando cahir a fronte sobre o peito suspirou: — «Ai, é um pensamento vão!»

«És tu que podes restitui-lo á liberdade — proseguiu Fernão Perez. — Da tua boca pende a sua vida ou a sua morte. Serei misericordioso.»

«Que pertendeis que eu diga? — exclamou a donzella n'uma especie de exaltação ou antes de phrezezi, e alevantando-se com a energia do peregrino, que se arrasta moribundo de sede por desvios pedregosos e aridos, ao ouvir o subito murmurio de uma fonte. — Jurar que vos entregarei meus feudos? — que me sepultarei n'um claustro? — que nunca mais o verei? — Juro-o mil vezes! Salvae-o!»

«Não é a pobreza de desherdada, e o captiveiro perpetuo de monja que eu te peço em preço da vida de Egas... Sou mais generoso. Quero que vivas no meio dos deleites do mundo, na grandeza de nobre dama; quero que sejas amada por homem digno de ti...»

«Matae-me, matae-me! — exclamou a donzella, cahindo de novo aos pés do conde. A imagem de Garcia Bermudez allumiára com a luz medonha do raio as trevas do seu martyrio. O conde continuou:

«Hontem prometti ante a rainha que tu serias

mulher de Garcia. Esta promessa ha-de cumprir-se, ou tu serás a assassina daquelle por quem trocas o alferes-mór de Portugal, o mais valente e gentil cavalleiro de toda a Hespanha.»

«Mas eu morrerei primeiro, senhor conde! — Tende dó de uma desventurada.»

«Não t'o aconselho. Se morreres, Egas te seguirá ao sepulchro.»

«E se Garcia de novo recusar a posse da sua victima? — interrompeu a infeliz, procurando ainda segurar-se na borda do abysmo.

«Egas morrerá: — respondeu tranquillamente Fernão Perez.

«Vós, homem barbaro, jurastes perder o desgraçado. Por violencia nunca o generoso Garcia acceitará a minha mão.»

«Por violencia? — interrompeu o conde em tom d'espanto. — Violento-te eu? — Quero esquecer-me do meu odio por amor de ti: tu não queres esquecer-te de uma paixão louca e impossivel. Eis a que tudo se reduz. Cede, e Egas será salvo. Direi a Garcia que te arrependes dos teus desprezos; que queres ser sua. Se as tuas palavras, se o teu gesto não desmentirem meu dito elle será feliz; e Egas livre, e persuadido do que o trahiste, breve se esquecerá de ti. Faço a ventura de tres; é por isso que me chamas barbaro?»

Dulce parecia suffocada: o arquejar do seio da infeliz soava como o de um moribundo. Foi o som que se ouviu por alguns momentos sussurrar nos seus labios. Finalmente com a energia da ultima desesperação, que simula a tranquillidade, disse em voz submissa e lenta, mas firme:

«Serei mulher de Garcia Bermudez... Depois!...»

«Depois o que aprouver a Deus e á Virgem Maria: — respondeu o conde alçando os olhos devotamente, e apontando para o céu.

O malvado sahira com seu intento. Voltou as costas a Dulce, e desapareceu na escuridão do longo corredor que dava para a sala do conselho, e para a sala d'armas.

Nessa mesma tarde o muito valente e gentil cavalleiro Garcia Bermudez tinha recebido por sua mulher de benção na capella dos paços de Guimarães a mui formosa e rica dama D. Dulce, senhora do solar e préstamos dos Bravaes. Um banquete de voda estava preparado para festejar os noivos. O aposento destinado para a festa se atulhára de donas, donzellas e cavalleiros. Faltava apenas D. Thereza e o conde. Este finalmente chegou, conduzindo pela mão a rainha até ella se assentar no estrado real. Depois o conde desceu, e veio tomar o seu lugar. Apenas se assentou, chamou o pagem Tructezindo, que estava em pé atraz da sua cadeira d'espaldar, e disse-lhe:

«Corre, e vae perguntar ao villico do castello se está bem segura a ameia do angulo do norte na torre alvarran, e se elle tem puída e prompta a boa corda de cânave de quatro ramaes.»

(Continuar-se-ha).

(A. Herculano.)

A CORUJA ALVADIA.

AS STRIGES, aves nocturnas, formam o ultimo genero dos tres em que Linneu dividiu as aves de rapina, comprehendendo os bufos, as corujas, os mochos, e a tuidara do Brasil. A maior de todas é o bufo maior, que terá o tamanho d'um perú; segue-

se o mediocre igual no volume do corpo á gralha; o bufo mais pequeno regula em grandeza com o mocho ordinario: estes tres constituem a divisão do genero, distinguindo-se por terem na cabeça dois martinêtes, de que são desprovidas as corujas bem como o mocho pequeno, que entram na segunda divisão. Estas aves tem o bico encurvado em todo o comprimento, a cabeça achatada verticalmente na parte anterior e posterior, olhos grandes e redondos, e proprios para ver de noite, semelhantes aos do gato, quadrupede com o qual tem ellas muita afinidade pela guerra destruidora que fazem aos ratos: são guarnecidos os olhos d'um circulo de pennas finas e rijas que lhes dá um aspecto extraordinario, ao passo que serve para cobrir a grande cavidade da orelha; os pés são cubertos de penugem, inclusive os dedos, e destes podem mover o externo á vontade, quer para traz, quer para diante: a muita luz lhes fere os olhos de modo que expostas á claridade do dia ficam ás vezes immoveis e fazendo tregeitos ridiculos: tem as azas curtas e o vôo fraco; o grito é lugubre, pelo que em algumas terras os simples as consideram de ruim agouro: todavia os athenienses as honraram e até as deram por aves estimadas de Minerva. Quando apparecem de dia, todas as outras, ainda as pequeninas, em bandos as investem e insultam: por maneira que alguns curiosos servem-se dellas ou de figuras que as imitem, como de negaça, para atrahir e tomar os passarinhos. — A mais bonita das



corujas é a *strix flammea*, ou coruja alvadia das torres, cujas formas se mostram na gravura acima: é do comprimento de palmo e meio; tem o bico esbranquiçado; o dorso misturado de cinzento e ruivo com pequenas malhas pretas, e no meio de

cada uma destas um salpico branco; o ventre amarelado. Acouta-se nos campanarios, torres e edificios altos e desamparados, o seu grito é rijo e agudo, e goza de ouvido muito subtil, como todas as suas congeneres. Acha-se em todos os continentes, inclusive a America: os tartaros mugões e calmuços lhe tributam grande veneração, porque voga entre elles que o seu grande capitão, Gengis-Kan, fugindo n'uma batalha que perdeu, se escondêra n'um balseo, no qual veio logo pousar uma coruja; um troço de inimigos que batia matto a procura-lo, vendo naquella mouta uma ave tão espantadiça, suppozeram que não entrára lá gente e deixaram de a basculhar; salvando tão tenue incidente a vida ao celebre guerreiro, que dahi avante usou sempre de uma penna de coruja no barrete ou no turbante.

Botanica Medica.

Descripção de varias arvores, arbustos, hervas e plantas medicinaes que existem na villa de Tété, e da applicação que dellas fazem os naturaes do paiz aos usos mechanicos da vida, e nas doencas de que são atacados.

(Continuação de pag. 199.)

Mutengueni, — em lingua asiatica *nimo*. — Este arbusto, que floresce nos mezes de novembro e dezembro, tem uma pequena flôr branca e longa, a qual sendo aberta appresenta o fructo denominado — *tengueni* — que é do tamanho de uma amendoa, e toma a côr vermelha quando está maduro e capaz de se comer, o qual é bastante acido, e o oleo que delle se extrahе applica-se ao amaciamento de pelles, e na arte de curar a resolver tumores.

O pó das folhas pisadas, e misturado com summo de limão, cura as chagas inveteradas; e o summo das folhas bebido matta as lombrigas.

Cangóme. — A flôr e o fructo deste arbusto é como a do café de Mókka, e serve d'alimento aos negros em tempo de carestia, dando a este fructo em quanto está verde tres ou quatro fervuras, e misturando-o na ultima com cinza para lhe extinguir o amargo.

O pó da raiz sêcca, ou a casca fresca, servem para sarar os golpes deitando-o sobre elles, e a infusão da casca para lavar chagas antigas, applicando-lhe tambem o pó da mesma raiz para as fazer sarar.

Canémbe-numbe. — Tem a flôr amarella, e assemelha-se muito á arvore — *muxeteco* — e não tem nenhum aroma; o fructo é em vages do comprimento de meio palmo, as quaes se comem quando estão tenras; a infusão da raiz feita em panella nova é muito diuretica.

Catungurú. — A flôr é amarella claro, e assemelha-se a umas borlas de franja; o fructo quando está maduro é da côr e tamanho do limão; a raiz é do feitio da batata, a qual sendo feita em bocados, seccando-os ao sol, e reduzindo-os a pó, se applica ao curativo das bôbas, como tambem lavando-as com a infusão da raiz em quanto fresca; as folhas pisadas applicam-se ao curativo de feridas profundas por pancadas; e os suadoiros das folhas cosidas tomados á cabeça, curam as nevoas e cataractas que existirem nos olhos, e finalmente a raiz fres-

ca, sendo pisada e espalhada na alagóia, mata o peixe que nella existir.

Tindinhava sensitiva. — A flôr fórma primeiramente um botão como uma pinha do tamanho do grão de bico, que vai abrindo gradualmente, e fórma um suspiro de còr bromea, sendo a cabeça dos alfinetes de còr verde desmaiada; o fructo é em vages chatas do comprimento de duas pollegadas, ou pouco menos, còr de rapé e cuberto de penugem; encontra-se em ribeiros e beiras de rios, e em lhe tocando nas folhas murcham até onde chega o tremor do toque. A raiz é muito branda, e atada sobre a parte inflammada a faz desinchar; os banhos da casca pisada e cosida applicam-se á erisipéla.

Mutava-nherere. — O nome que este arbusto tem de *nherere* denota que é perseguido de formigas. A flôr é amarella semelhante á do *ganalinho*; o fructo é do tamanho da beringella, com a differença de terquinias, e nasce aos montões, isto é uns poucos de pés juntos; o cosimento das raizes applicado em banhos semicupios é remedio para as diarrheas; as folhas pisadas applicam-se ao pleuriz, no qual operam como o caustico.

Mutavan-sato. — A flôr é semelhante á da macieira, e o fructo que dá é muito pequeno e fica sempre acompanhado de folhas; a infusão da raiz tomada em bochechos é remedio para as dores de dentes; o succo das folhas pisadas e misturadas com agua, e tomado diariamente, cura os padecimentos do baço.

Buaze. — As folhas deste arbusto são miudas, e as flôres pequenas e do feitio das do gerzelim, e cheiram a pimenta da India; a semente é propriamente linhaça em tamanho, còr, e configuração; os negros aproveitam-se do fio que dá para formarem as suas redes de caça, pescaria, aboizes &c., em fim é uma perfeita similhança do linho que na Europa se manufactura.

Mudia-córo. — *Mudia* significa «a que come» còro significa «macaco.» — Tem as folhas brancas pela parte do avesso, como se as tivessem borrifado de cal ou cinza. Os negros servem-se da raiz deste arbusto mascando-a, pondo-a de infusão, e seccando-a ao sol, e reduzindo-a a pó para a misturarem em pombe [amendoada] no que produz o effeito das cantharidas, tomadas internamente.

Titifiti. — Este arbusto encontra-se em logares pantanosos, em beiras de rios e riachos; a folha assemelha-se á do *carungasuro* e é muito aromática, e della e doutras ervas e plantas se faz cosimento que se applica em banhos semicupios aos que padecem puxos, e o cosimento da folha serve para suadoiros e obriga a copiosa transpiração; a raiz cortada em bocados e trazida ao pescoço, á maneira de contas, é remedio para a doença nervosa de sobresaltos, devendo tambem para maior efficacia defumar o quarto de dormir com a raiz e folhas do mesmo arbusto.

Capande. — A flôr é miuda e tirante a róxo, a semente é do tamanho de ginja e semelhante á fructa da arvore *muturara*. — Os cafres applicam este arbusto ao *moavi* [juramento ou próva judicial entre elles] preparado da maneira do *goóo*, que tambem é *moavi* entre elles [como já dissemos]. O chá da raiz applica-se á febre denominada *itaca*, porque faz transpirar bastante, com o que declina a febre e se evita o perigo; o pó da raiz sêcca ao sol e tomado como tabaco alivia o maior defluxo, porque faz espirrar muito.

Entaca. — É o mesmo que o *capande* que acabamos de descrever, tem as mesmas virtudes, e produz os mesmos effeitos.

Carungasuro. — Esta herba tem a flôr amarella e semelhante á da macella, o cosimento della applica-se em suadoiros e banhos semicupios aos que padecem puxos, e misturando-o com a erva *cacici* ou *escorcioneira*, e com as raizes do arbusto *capande*, e tomando delle um suadoiro melhora-se da febre. (Continuar-se-ha).

Opinião de Franklin sobre o duello. — Este varão respeitavel diz n'uma carta a um seu amigo que se espanta de haver quem no meio das miserias e erros humanos conserve tamanha soberba e vaidade que presuma digna de morte qualquer offensa contra o seu pundonor. — E accrescenta que estes pequeninos tyrannos não duvidariam dar o nome de tyranno ao principe que mandasse impôr a pena capital a alguem por ditos menos respeitosos ácerca de sua pessoa e soberania; ao passo que por inexplicavel contradicção não duvidam constituirem-se juizes em causa propria, condemnarem o adversario sem processo nem jurado, e o que mais é que rerem ser elles os algozes. —

A consciencia é um monitor que ergue a voz no peito do homem, e como testemunha o accusa ou justifica perante o Creador. Tanto o que se conforma com este guia, como o que rejeita as suas advertencias, se veem obrigados a reconhecer-lhe o poder: e quer o hom se regozije com a perspectiva da immortalidade, quer a victima do remorso esmoreça sob essa influencia invisivel e se atemorise antecipadamente da conta futura, ambos cedem ao peso de uma convicção [tal como nenhum argumento é capaz de produzir] de que a essencia principal do ente humano é distincta do corpo, e sobreviverá sem diminuição de vigor quando o corpo jazer já desfeito. — *Abercrombie*.

Tempo da lactação. — Por dilatado periodo foi costume em Hespanha ammamentar as creanças dois annos inteiros; talvez que os sarracenos o deixassem, porque o alcorão ordena ás mães dar o peito a seus filhos durante dois annos completos, se por tanto tempo elles o quizerem tomar. — O nosso D. João 3.º só deixou de mamar aos tres annos e meio de idade, e foi porque elle assim quiz. — Tambem refere Southey (*Horæ otiosiores*) que no seculo deste monarcha era uso em muita parte da Alemanha desmamar as creanças logo ao primeiro mez, alimentando-as dahi por diante a leite de vacca ministrado por um funil de pau; de tres em tres dias as banhavam em agua quente.

CORRECÇÕES.

No Panorama N.º 71 artigo — Economia Politica — pag. 138. col. 2.º, lin. 23, onde se lê 5000 rs. = lêa-se 50000 rs. = na lin. 31, onde se lê = 7500 contos = lêa-se = 5500 contos = na lin. 34, onde se lê = excede = lêa-se = se aproxima = na lin. 37, onde se lê = 75000 = lêa-se = 55000.

N.º 58. — Por noticia menos exacta, dissemos a pag. 33 que d'Amarante a Entre-ambos-os-rios iam duas leguas: um nosso assignante daquella villa nos informa que a distancia é de cinco leguas estiradas.